

Com. Brasil

Prontos para crescer

01 FEV 1994

JORNAL DA TARDE

Baixo nível de endividamento, estruturas de administração e de produção mais leves e mais ágeis, retomada gradual dos investimentos, rentabilidade em recuperação e vendas em crescimento. Este é um quadro que se vai tornando comum a um número cada vez maior de empresas brasileiras. Depois de dois ou três anos de grandes dificuldades, as empresas conseguiram acumular forças e, em média, estão prontas para voltar a crescer, como mostrou reportagem publicada ontem no **Jornal da Tarde**.

Espaço para o aumento dos investimentos existe, e muito. As estatísticas oficiais demonstram uma acentuada queda desses investimentos a partir de 1980. Naquele ano, os investimentos representaram 22,8% do PIB brasileiro; no ano passado, não passaram de 15% (e, ainda assim, foram maiores do que em 1992, com 14,4% do PIB).

Capital também há. Só em depósitos a prazo fixo (lastreados em Certificados de Depósito Bancário), os aplicadores deixam nos bancos algo como US\$ 40 bilhões, quase 9% do PIB. Calcula-se que a poupança financeira em mãos do setor privado — empresas e pessoas físicas — chegue a US\$ 120 bilhões, mais de 25% do PIB. É dinheiro mais do que suficiente para impulsionar o crescimento.

No entanto, por causa da inflação e da política de juros altos que o Banco Central é obrigado a colocar em prática para que a inflação não suba ainda mais, quando podem, empresas e consumidores fogem dos financiamentos. E, mesmo quando recorrem a empréstimos, tratam de liquidá-los no menor prazo possível. É isso que explica a ocorrência simultânea de grande disponibilidade de recursos financeiros e poucas dívidas.

Essa combinação, cuja conseqüência negativa é o baixo nível de investimento e de consumo, o que resulta em estagnação ou crescimento muito lento da economia, tem também um efeito positivo, que é

o melhor desempenho econômico-financeiro das empresas brasileiras.

Pesquisa realizada pelo professor Alberto Borges Matias, da USP, com empresas de diversos ramos industriais, do comércio e do setor de serviços revela que, depois de dois anos consecutivos de prejuízos, essas empresas voltaram a apresentar resultados positivos no ano passado (a pesquisa refere-se aos nove primeiros meses do ano).

O estudo contém um dado curioso: embora o número de unidades vendidas tenha crescido cerca de 10%, o faturamento cresceu apenas 3,9%. É uma demonstração clara de que está cada vez mais difícil repassar todos os custos para os preços. Mesmo assim, as empresas apresentaram rentabilidade sobre o patrimônio de 2,9% no ano passado, o que demonstra que elas souberam buscar maior eficiência no seu processo produtivo.

Dois especialistas ouvidos pelo **JT** — o ex-ministro Mailson da Nóbrega e o consultor Yuichi Tsukamoto — não vêem, no momento, condições para sustentar-se o crescimento por um período longo. Há, no seu entender, um ciclo de reposição de estoques que se esgotará brevemente, de modo que, neste ano, a economia cresça entre 1,5% e 2,5%, menos do que os 4,5% do ano passado.

A previsão desses especialistas é reforçada por sua reconhecida experiência profissional. Entretanto, os números e as análises sobre a real situação das empresas brasileiras dão-nos a convicção de que falta pouco para o Brasil retomar o crescimento acelerado que apresentou durante um período de mais de 100 anos, até o início dos anos 80. Falta estabilidade econômica. Conquistá-la, porém, não é tarefa técnica ou puramente econômica; é tarefa essencialmente política — e aí, infelizmente, como vimos na semana passada no Congresso, ficamos na dependência do imponderável, ou seja, do senso de responsabilidade dos nossos políticos.